

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE  
PSICOLOGIA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E  
ANÁLISE EXISTENCIAL

Nutty N. Ramos

**O CORPO VIVO:  
UM MENSAGEIRO DO AFETO**

BELO HORIZONTE  
2021

Nutty Nadir Ramos

**O CORPO VIVO:  
UM MENSAGEIRO DO AFETO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. José Paulo Giovanetti

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Madalena Magnabosco

Belo Horizonte  
2021

150	Ramos, Nutty Nadir.
R175c 2021	O corpo vivo [recurso eletrônico]: um mensageiro do afeto / Nutty Nadir Ramos. - 2021.
	1 recurso online (31 f. )
	Orientador: José Paulo Giovanetti.
	Coorientadora: Maria Madalena Magnabosco.
	Monografia apresentada ao curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Afeto (Psicologia). 2.Existencialismo. 3.Fenomenologia. I. Giovanetti, José Paulo. II. Magnabosco, Maria Madalena. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação  
O CORPO VIVO: UM MENSAGEIRO DO AFETO  
**NUTTY NADIR RAMOS**

monografia defendida e aprovada, no dia **seis de agosto de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

José Paulo Giovanetti - Orientador  
FAFICH/UFMG

Maria Madalena Magnabosco

Belo Horizonte, 18 de outubro de 2021.

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Claudia Lins Cardoso  
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 18/10/2021, às 20:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 19/10/2021, às 08:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1027739** e o código CRC **535FBD01**.

---

**Referência:** Processo nº 23072.240739/2021-47  
1027739

SEI nº

## RESUMO

O objetivo da presente pesquisa foi investigar de que forma a dimensão afetiva e o corpo encontram-se implicados no adoecimento e saúde existencial humana. Buscou-se compreender o que é corpo, o que é o afeto e posteriormente refletir como a dimensão afetiva e o corpo repercutem no adoecimento existencial do indivíduo. O trabalho foi realizado a partir da fundamentação teórica fenomenológica. A metodologia aplicada consistiu em pesquisa bibliográfica qualitativa. A motivação para esta investigação decorreu da observação de casos em que clientes que procuraram por atendimento psicológico na clínica e relataram dores e sintomas em seu corpo como queixa relevante, não raro, inexistia motivo que justificasse os sintomas segundo os exames e profissionais da saúde anteriormente consultados. Essa pesquisa ajudou a desenvolver uma maior percepção e escuta do que se observa sobre e através do corpo do cliente. Também ampliou o entendimento sobre a saúde e adoecimento do indivíduo como processo multifatorial e singular, colaborando para ajudar os profissionais de saúde a compreender a pessoa que adoecer como ser de potencialidade, livre e coautor de sua existência.

**Palavras-chaves:** Corpo vivo; Afetos; Saúde Existencial; Fenomenologia.

## **ABSTRACT**

This research aim was to investigate how the affective dimension and the body are involved in illness and human existential health. We sought to understand what the body is, what affection is and then reflect on how the affective dimension and the body affect the individual's illness. The work was carried out from the phenomenological theoretical foundation. The applied methodology consisted of qualitative bibliographic research. This investigation was motivated by the observation of cases in which clients who sought psychological care at the clinic and reported pain and symptoms in their bodies as a relevant complaint, often with no reason to justify the symptoms according to the exams and health professionals previously consulted. This research helped to develop a greater perception and listening to what is observed on and through the client's body. It also broadened the understanding of health and illness as a multifactorial and unique process, helping health professionals to understand the person who becomes ill as a being with potential, free and co-author of his existence.

**Keywords:** Living Body; Affections; Existential Health; Phenomenology.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
2.1 O corpo vivido .....	12
2.2 A Afetividade.....	17
2.3 O lugar da afetividade no corpo .....	21
2.4 Adoecimento.....	24
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>29</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>30</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Em toda a sua existência o homem é atravessado pela gestualidade, movimentos e atitudes que expõe e comunicam suas ideias, expressam sua alma, afetos, sentidos e intencionalidade no mundo vivido. Nas palavras de Yontef “a linguagem corporal é uma parte importante da observação total” (Yontef,1998) do modo como a pessoa vivencia e experimenta o mundo. Os movimentos corporais podem, desse modo, favorecer como abertura para interagir com o mundo ou interromper e até impossibilitar esse movimento de inter-relacionar-se impedindo consequentemente que um projeto existencial transcorra.

Os sintomas expressados no corpo precisam ser ponderados, não somente a partir do puro campo morfológico e energético dos processos que ocorrem nele, mas como um campo afetivo e relacional, ou seja, uma totalidade do existir como aponta a sabedoria oriental (Dethlefsen, Dahlke, 2007) com suas técnicas de cuidados corporais holísticas, assim como a Fenomenologia Existencial Humanista. A nossa busca é por uma abertura ao refletir os aspectos metafísicos referentes às queixas e sintomas constantemente considerados como doenças sem causa que as justifiquem: as chamadas doenças psicossomáticas ou psicopatológicas que são entregues por essa pessoa que nos procura na clínica, mas que na maioria dos casos remete a conflitos de dores do existir. Uma vez que os sintomas físicos, são emblemas da verdade (Yontef,1998), uma exposição autêntica de sentimentos quando observados pelo terapeuta à luz da biografia existencial do paciente.

O corpo vivo, com seus movimentos, sintomas e gestualidade, sempre se refere a alguém, ao ânimo de uma pessoa, à sua alteridade que expressa dimensões da imaterialidade: sua alma e consciência no mundo. Encontramos os fundamentos que articulam essa percepção de homem na fenomenologia existencial. Por meio de uma Psicologia, com base numa filosofia antropológica, (Giovanetti, 2018) com visão unitária do ser, articulando suas múltiplas dimensões, uma vez que o homem é “um microcosmos um ser vivo, material e espiritual” (Stein, 2003) e, para compreendê-lo, é necessário desvelar o sentido e as suas motivações, através do modo mais pleno da pessoa encontrar-se no mundo.

Apoiado em um enfoque fenomenológico existencialista, a existência é um ir sendo no mundo (Giovanetti, 2018), o ser humano no mundo, sob a perspectiva existencial, é possuidor de quatro dimensões estruturais: o corpo próprio, como vida

intencional, pois é o corpo que organiza o estar no mundo; o psiquismo, uma esfera interna e afetiva; o espírito como vontade, capacidade de decisão e; por fim, a dimensão social, como se posiciona e se relaciona no mundo no seu contexto histórico.

Essa perspectiva de corpo próprio como vida intencional (Stein, 2008) igualmente transpassa a constituição do corpo material em seus movimentos e manifestações visíveis. Ao integrar uma forma invisível, interna, uma força viva, expressa através de processo vital que Stein descreve como “sendo uma maneira de ser particular, uma alma vital, isto é uma alma vegetativa” e que, ainda conforme Stein, essa força vital é o que torna o corpo um organismo, a alma corpórea, como processo vital interno, “é uma forma corpórea, que não existe por si e não vive em si mesma” (Giovanetti, 2018). Expressa a influência e dependência recíprocas, ou seja, a convergência entre as dimensões corpórea, psíquica e a espiritual percebidas pelos movimentos e atos visíveis por meio do corpo. Para Giovanetti “o corpo é um corpo que sente e o homem sente o que se passa com o seu corpo” (Giovanetti, 2018) como uma abertura para fora, através da sensibilidade ao apreender estímulos externos e como abertura para dentro, ao aprender a sensibilidade sobre si mesmo, o que o torna o corpo sensível para si. Desse ponto de vista, não se trata de uma morfologia, um “*Körper*” desprovido de vida e sentir, mas de um corpo próprio, um eu que manifesta no corpo, um corpo vivo “*Leib*”, um corpo intencional que sente conscientemente a si mesmo e o mundo, uma vez que qualquer experiência vivida é realizada por meio desse corpo intencional.

Esse corpo dotado de sensibilidade por meio das sensações nos remete a uma vida interior, um centro interior ao qual Stein denominou “anima sensitiva, (alma sensitiva), alma dotada de sentido” (Giovanetti, 2018) que, por meio do desenvolvimento emocional e por estar conectado ao corpo, possui a habilidade de comunicar suas emoções, visto que “os sentimentos não são um fenômeno secundário de nosso comportamento pensante e volitivo nem um simples impulso causador dele nem um estado atual” (Heidegger, 1929), mas um modo de desvelar a totalidade do homem, em razão de ser dotado de uma dimensão psíquica, o homem ao apreender as coisas no mundo é afetado sensorialmente, ficando um registro do que detectou como prazeroso ou não através do sentido pela sua dimensão espiritual.

Esta dimensão espiritual é representativa, exclusivamente dos homens, e Stein se refere a ela, não como religiosidade, e sim como abertura, capacidade de compreensão das coisas (Giovanetti, 2018) produzida em dois movimentos: “um saber sobre as coisas como abertura para fora de si e um saber sobre seu viver como abertura para dentro”. Conforme segue o autor, o espírito é o que possibilita ao homem articular-se simultaneamente entre o conhecer e responder, entre entendimento e vontade, carecendo do corpo como espaço para atuar e produzir no mundo, posto que é o corpo o palco da expressão do conhecimento e espírito do ser.

Em situações de adoecimento do corpo o ser encontra-se “em adversidade para exteriorizar sua vida espiritual anímica, uma vez que o corpo está atravessado pelo espírito, constitui uma unidade” (Giovanetti, 2018). Por isso, a preocupação em analisar e empenhar-se sob uma compreensão da pessoa que adoece, a partir de sua biografia existencial e singularidade dentro das contingências sociais do seu existir, como única possibilidade de compreender na essência o indivíduo e o sofrimento existencial, ao invés de ater-nos no manifesto. Numa compreensão fenomenológica de cuidado, a doença supostamente é uma advertência de que por trás do aparente sintoma, existe um conflito precisando de solução. Portanto, o sintoma é um sinal que está a favor do indivíduo para buscar retomar seu equilíbrio e recuperar o movimento perante a vida dentro de suas possibilidades.

Na perspectiva fenomenológica sobre homem, no que se refere a saúde e o adoecimento, serão as dimensões do corpo próprio, anímico/psíquico e espiritual e a forma de habitar o mundo, sob uma perspectiva unitária destas dimensões na pessoa, que nos oferecerão, o sentido ou a perda dele no existir conforme aponta (Giovanetti, 2018). Desse modo, sem observar e compreender a pessoa a partir de seus afetos e o modo de ser no mundo relacional não encontraremos os significados que possam compreender esse sentido ou a ausência dele no existir.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O Corpo Vivido.

Edith Stein (1891-1942) foi doutora em Filosofia, teóloga, discípula e depois assistente do filósofo Edmund Husserl (1859-1938). Desenvolveu toda sua obra literária, pela perspectiva do método teórico-filosófico fenomenológico Husserliano. Por essa perspectiva reflete sobre o ser humano, enquanto uma unidade integrada e harmônica, constituída por uma estrutura qualitativa tríplice: corpo, psique e espírito. Nessa concepção espírito é o centro uma dimensão volitiva, que traz o movimento e ação ao corpo no mundo, psique a dimensão que vincula movimentos, sentidos, instintos, consciência, desejos.

O ser humano, na visão de Edith Stein, se faz existente mediante seu corpo material, corpo que é fonte fecunda de expressividade do ser do homem e instrumento que possibilita relacionar-se com outros semelhantes no mundo. Em seus estudos e reflexões, o homem desponta como um microcosmo, reconhecido como um corpo material, um ser vivente, um ser animado e uma pessoa espiritual.

O homem em movimento, com sua gestualidade atuando no mundo de forma espontânea, revela-se “um ser que é material, animado e vivo”, (Stein, 2007). Nesse movimento percebido acompanha a representação que criamos desse indivíduo, através do compartilhamento na esfera intelectual e volitiva em “um comércio espiritual” nas palavras de Stein e “por estar em movimento e transformação a vida, a alma, o espírito nos falam incessantemente” completa a autora.

Esse mundo no qual o homem está inserido é um mundo social, histórico e comunitário e envolve relacionamentos com outros iguais a ele e ao mesmo tempo diferentes de si, uma vez que o indivíduo está mediado por sua singularidade, manifesta em gestos, entonação de voz em sua fala, no seu modo de vestir e em sua expressividade facial. Essas nuances e outras, as quais não estamos conscientes, afirma Stein, possibilitam identificar a essência e índole desse outro, sua classe social, os papéis que desempenha na posição social que ocupa e conseqüentemente seu modo de pensar, revelado pelo espaço que integra nessa ordem social. Portanto, esse outro, para Stein, com suas particularidades, é sempre

alguém que impressiona o meu mundo interno em cada encontro vivido motivando aproximação ou afastamento.

A existência do homem para Stein é uma vida em comunidade e cultural, constituída por “um mundo espiritual multiforme” que proporciona ao indivíduo atuar comunitariamente, observar sua existência, a condição humana, captar os outros e identificar que a vivência de si é diversa da totalidade que o cerca. Isso é possível, de acordo com a autora, pela capacidade de o homem entrelaçar a percepção interna e a percepção externa do próprio corpo, provocando o elo para a experiência de si mesmo, em sua corporeidade, consciente de si mesmo e do “outro ser corporal-alma-espiritual” diferente.

O corpo, como coisa material na concepção de Stein, é uma figura peculiar que segue uma legalidade enquanto organismo, sujeito a leis precisas de mudança (de simetria, estrutura e forma) durante o processo de desenvolvimento da pessoa. As mudanças de figura se anunciam ao observar a figura de um bebê, que apresenta uma lei estrutural para a figura inteira diversa de um adulto, criança ou jovem. Sua peculiaridade existe por se tratar de uma figura “determinada, indivisível fechada em si mesma” ao qual reconhecemos como individualidade.

No tocante ao movimento visível normal do corpo humano, para Stein, o andar cumpre uma legalidade própria que emana de um centro unicamente corporal, passível de ser interrompido “por uma legalidade externa imposta (fenomenalmente) de fora”, como o caso do movimento de tropeço exemplifica ou por “uma legalidade interna, dentro próprio indivíduo, que ultrapassam o corpóreo” quando a pessoa interrompe fenomenalmente o movimento natural do andar e assume um movimento, nas suas palavras “afetado, antinatural”. Essa “legalidade do movimento e o desvio fenomenal” acontece nos diversos membros do corpo, especialmente na face, que experimenta alterações como um todo em sua tonalidade, olhar e expressão labial e feições.

A forma que o corpo tem para se manifestar são os sentidos, sendo que som e ruídos perceptíveis constituem um meio privilegiado (Stein, 2007) “para a penetração espiritual das coisas” por transmitirem qualidades e características relacionados com a coisa material, como no exemplo do som de um celular tocando. No entanto, diferentemente dos outros corpos materiais, no homem as expressões sensoriais são “uma ponte para a nossa maneira de ver as coisas, que vai além do que é dado de forma puramente sensorial, sempre se percebe algo mais do que um

corpo meramente material. O som, simultaneamente, informa sobre o modo de ser, seu caráter e nos insere na vida da alma a cada instante”. Trata-se de concepção totalmente distinta daquela dos animais, que não possuem um contexto interno de significado e apenas seguem um certo sistema de sinais reagindo voluntariamente a isso sem intencionalidade, escolha e liberdade. Uma representação dos fenômenos acústicos originários do centro interno do homem, além dos sons emocionais, é a fala e seu significado visível que se faz perceptível num contexto de diálogo, quando alguém ao escutar o som do seu celular (coisa material), atende a chamada e se põe a esbravejar, para expressar sua frustração (penetração espiritual da coisa), por escutar uma péssima notícia, vinda do diálogo estabelecido com essa outra pessoa.

Em um mundo concebido como matéria formalizada, afirma Stein, é a forma o que possibilita vida à matéria. O homem enquanto um organismo vivo, por sua vez, distingue-se das coisas materiais, por meio do processo vital, gradativo e finito denominado formalização, que opera no corpo material conferindo existência ao organismo (Stein,2007). Assim sendo, o homem existe a partir de uma figura externa, que é configurada de dentro (sua figura interna), sua singularidade como modo de existir dos seres vivos. Relatado, segundo a autora, como “forma interna” por Tomás de Aquino e por Alma Vital “anima vegetativa” por Aristóteles, compreendida como o princípio da vida, que qualifica e representa o todo do organismo enquanto espécie, em razão de que é uma força viva que faz sua configuração. Ainda que a forma vital interna, a “alma” viva esteja subjugada pela matéria para o organismo reunir suas partes em um todo, atingir sua configuração plena e gerar outros indivíduos da mesma espécie, é ela a força formalizadora que torna o corpo humano um organismo vivo.

Portanto, por ter o homem um corpo vivo, possui também um movimento fenomenal em decorrência da formalização deste corpo material que com suas próprias leis geradoras de um centro interno, é capaz de oferecer sustentação, amparo e controle sobre si mesmo enquanto organismo vivo. Numa constante atividade interna e externa, o organismo seguindo a lei de sua forma interna interage no mundo em busca de seu projeto existencial.

Na interpretação de Stein, “ser homem significa ser simultaneamente coisa, planta, animal e espírito, mas todos de forma unitária”. Ele se assemelha a outros organismos vivos, como as plantas (posição vertical, alma vegetativa) e animais (mover-se e sentir-se é movimento fenomenal, sensível, instinto, alma animal), por ter um princípio interno orgânico comum, que organiza a matéria em um

todo enquanto espécie. Todavia, é diferenciado por possuir – além de um corpo sensível, dotado de sensibilidade ao que vivencia externamente (natureza animal) e interiormente – uma alma humana, um centro interno que é racional e sensível, enquanto abertura para dentro e para fora de si mesmo, em contínua relação com o meio.

O centro interno do homem, sua alma, é segundo Stein “um ponto de troca, no qual os estímulos impactam e de onde vêm as respostas” que surgem do seu interior e são exteriorizadas por meio do corpo vivo e anímico. A alma animal é visceralmente conectada ao corpo, pela forma, órgãos, vida, auto percepção. A alma, nos diz Stein, “fala por meio do corpo”: a vida interior é penetrável por meio dos sentidos, o que é revelado através do corpo, não se restringe tão somente a uma reação ao que decorre externamente a ele. Informa sobre uma disposição interior e um modo conhecido de ser. Como é no caso das manifestações expressivas, que desvelam emoções de alegria, tristeza, raiva ou medo, assim como as atividades mentais, possibilitando contatar intimamente a autêntica existência da alma. Ademais, o “caráter, seu próprio modo de ser” da mesma forma se revela na exterioridade. Para Stein, existe uma unidade entre corpo e alma, “uma matéria vitalmente formalizada, cuja forma se manifesta na matéria e simultaneamente se expressa internamente na realidade da vida psíquica”. O homem, enquanto espécie animal, se distingue dos demais animais pelo significado que alcança a sua individualidade para o outro homem, que é superior a todas as outras criaturas abaixo dele.

Segundo Stein, existem diferentes modos de acessar a vida da alma, a interioridade humana, uma vez que os diferentes dados sensoriais externos são acrescidos de sensações, sentimentos de prazer ou desagrado que experimentamos em nosso próprio corpo como estímulo para reagirmos com aproximação ou afastamento em um reagir com *appetitus*. O homem mostra “uma certa permanência das impressões recebidas”, com relação ao que surge do meio, fazendo que instintivamente avalie como benéfico ou nocivo. Do mesmo modo acontece com os animais em sua aproximação com os outros de sua espécie e com o próprio homem.

A Vida da alma, é reconhecida na visão de Stein, por uma parte em constante movimentação vindos “de estímulos externos, estados internos, impulsos instintivos” e outra parte mais duradoura que correspondem às manifestações e atividades vitais do ser vivo “manifestações de poderes (faculdades ou forças)”. Nesta parte, a alma animal e vegetativa aproxima-se quanto aos poderes em comum, como a faculdade

de nutrição, crescimento e reprodução e se afastam no que se refere aos poderes sensitivos.

No que se refere ao corpo, é a qualidade específica da alma que determina a relação da alma com o corpo que a possui. A alma humana, a alma vegetativa e a alma animal encontram-se integralmente restringidas ao organismo que ela formalizou, “uma vez que todas as suas funções são desempenhadas através de órgãos corporais” afirma Stein. Apesar disso, a alma animal, mediante os sentidos, mantém-se em contato com outros corpos materiais. No caso da alma humana especificamente, elementos vegetativos e sensíveis estão ligados diretamente ao corpo, enquanto que as habilidades espirituais e atributos sensíveis conectam-se indiretamente a esse corpo. Assim sendo, segundo Stein, “o corpo vivo é um corpo animado” distinto de todos os corpos materiais, unido como um todo e estruturado em membros a partir da alma que atribui sentidos diferentes naquilo que percebe e a alma desse homem, enquanto abertura sensível para com o mundo interno e externo, possui reações e movimentos reativos de natureza instintiva chamados por Stein de “substrato animal da vida da alma”.

O homem reage, com movimentos instintivos ou ações voluntárias, às sensações que percebe sensivelmente em seu corpo ou em seus órgãos internos quando impactado sensivelmente. Isso acontece para Stein, porque “os sentimentos sensíveis estão ligados às sensações desde o início” quando se experimenta indícios de algo como agradável ou desagradável, apazível ou doloroso. Enquanto alguns “estados universais de sentimento” não se encontram unidos desde o início, “as impressões sensoriais concretas” são experienciadas enquanto disposição total ao mesmo tempo emocional e corporal enquanto vivacidade e embotamento, bem-estar e desconforto. Além do mais, vive-se internamente “uma certa estimativa instintiva” sobre o que chega em nossa direção, afirma Stein. Vive-se as emoções que captamos no campo visível “nos fenômenos expressivos dos homens e animais” como dor e alegria, medo e raiva como movimento mental como os outros animais.

No contexto do homem, é de sua essência vivenciar “simultaneamente uma dupla experiência de si mesmo, uma interna e outra externa”. O homem e animal, são concebidos “como unidade corpo-alma”, dotados de movimentos mentais específicos e “características permanentes, ambas corporal e mental, emocionais fortes ou fracas, com instintos seguros ou inseguros”. Para Stein, por intermédio da dinâmica entre essas características permanentes, movimentos mentais específicos e o aspecto



externo, os movimentos e atos nos revelam o modo de ser permanente, uma vez que a capacidade sensorial da pessoa se reconhece nos atos dos sentidos e seu temperamento no estímulo emocional.

No que tange ao centro interior do homem, Stein revela que a unidade da alma “é melhor evidenciada precisamente nas relações que existem entre poderes, hábitos e atos” e por meio da unidade de sua “força” capaz de direcionar seu poder ora desenvolvendo, ora atualizando esses poderes. Em razão de que “esta força pode ser utilizada em diferentes direções, mas com a limitação de que seu uso em uma delas priva as demais direções de força”, ocorrem situações em que uma pessoa por estar sensibilizada emocionalmente não é capaz de usar da compreensão, aponta a autora. Na visão de Stein, muito do que há no homem enquanto potencial, habilidades e poder irá subsistir, sem atingir a realização.

O homem existe nas palavras de Stein, “como um todo vital unitário em um processo contínuo de ser feito e desfeito” e necessita, de um meio ambiente favorável para desenvolver suas capacidades e suas múltiplas possibilidades, previstas enquanto forma mental e corporal. A atualização de tais capacidades depende do ambiente oportuno para não atrofiarem e do próprio homem, enquanto responsável, coautor de si mesmo. Afinal, diferentemente dos animais – que possuem “alma muda e aprisionada incapazes de sair de si” – o Homem, é uma pessoa “senhor de sua alma ele pode abrir e fechar portas” assegura Stein, que pode ir ao encontro do outro semelhante e das coisas por ser livre e espiritual.

A espiritualidade pessoal do homem, a que se refere Stein, é compreendida como abertura (para dentro e para fora de si mesmo) é um conhecimento original sobre as coisas além de si mesmo e é liberdade, dever e poder pois a pessoa escolhe a cada instante e tem capacidade para mudar aquilo que lhe afeta, seus atos, assim como suas decisões ou omissões frente a vida. Para Stein, poder e dever, querer e agir estão intimamente relacionados. O homem é dever, isso representa, que ele deve formalizar a si mesmo toda a sua natureza animal, para fazer-se integralmente desenvolvido enquanto pessoa.

## **2.2 A Afetividade.**

Diferentes pensadores se dedicam a tratar sobre o afeto e a vida afetiva do homem a partir de distintas intencionalidades, isso se deve teoricamente, pela

importância da afetividade enquanto característica inerente do ser aí no mundo. Em diversas culturas, encontramos modos socialmente aceitos ou não de expressar e vivenciar ideias e os afetos, que incluem um repertório de movimentos, sejam espontâneos, indiretos, racionais ou inibidos, o que nos faz compreender o quanto a afetividade devido às suas funções antropológicas, qualifica a vida psíquica e é responsável por estabelecer os vínculos afetivos.

A afetividade, assim como a racionalidade, são polaridades opostas e complementares quanto ao modo do homem experimentar e sentir a vida. No entanto, conforme Giovanetti, o afeto entre as dimensões que caracterizam a singularidade do ser humano se sobressai, frequentemente justificando atos e comportamentos e não necessariamente a racionalidade. Por esse motivo torna-se pertinente compreender o que é o afeto, como ele se manifesta, bem como o espaço dos afetos na existência, visando uma melhor compreensão da pessoa e suas formas de adoecimento a partir das diferentes ressonâncias subjetivas, seja de raiva, amor, medo, angústia, preocupação, alegria ou tristeza. Até porque, a afetividade humana é a dimensão que permite experimentar a existência de modo qualitativo, único e diferenciado.

Para refletir sobre a afetividade, e acolher a pessoa em sua totalidade, será necessário nos distanciar de um referencial exclusivamente quantitativo ou casuístico, para nos aproximar de uma compreensão antropológica filosófica, visando pensar o homem, enquanto projeto existencial em constante relação com o mundo. Porquanto, somente um referencial Fenomenológico permite essa aproximação no que se refere à essência humana, (Giovanetti, s/d) “naquilo que se revela sob as dimensões estruturantes (corpo próprio, psiquismo e espírito) e relacionais” com o mundo e no mundo, em suas múltiplas articulações e características, sejam elas relacionais ou energéticas.

A afetividade, é algo inerente à condição de ser humano, trata-se de uma unidade fundamental para a organização da interioridade, que principia com a progressão do psiquismo, pela capacidade de transcendência do ser no mundo, a partir do contato estabelecido com a realidade, e com o mundo circundante, sendo necessário para (Giovanetti, s/d) “agregar a dimensão espiritual na organização desta interioridade”.

O psiquismo ou psicológico no homem, refere-se à subjetivação do real, que consiste “na captação do mundo exterior, e a tradução ou reconstrução desse mundo

exterior num mundo interior, a partir de dois importantes apoios: a representação e o afetivo” (Lima Vaz, 1992), ao qual a percepção/representação consiste na forma como contactamos com a realidade e a afetividade, o que sinto interiormente em forma de ressonância subjetiva através do impacto desse contato com o real. É por esse motivo que um acontecimento real, como o recebimento de um diagnóstico grave ou uma doença na família, pode ser vivida por distintas pessoas desta mesma família. Contudo, a ressonância subjetiva – ou seja, como cada indivíduo sente e experiência esta notícia – será diferente em intensidade e duração. Esse sentir emocionalmente, diante dos eventos como algo agradáveis ou desagradáveis, se manifesta pela via dos cinco sentidos, portal de acesso e abertura para o mundo e nas situações nas quais esse sentir é imperceptível a nós, um registro frequentemente somático é elaborado pelo organismo.

Na compreensão de Romero, a afetividade é o impacto sensível que se precipita sobre nós mediante a interação homem-mundo, e “se caracteriza pelo grau de ressonância subjetiva que nela imprimem os eventos experimentados pela pessoa” (Romero, 2011), que serão manifestados, segundo o autor, a partir de três elementos: o significado atribuído pelo sujeito ao evento; a sensibilidade do sujeito que se encontra associada ao temperamento e ao humor; e por algo que emana de alguma característica própria do evento (Romero, 2011).

A dimensão humana do sentir, para (Giovanetti, s/d) carrega como característica o fato de ser egoísta, limitado e superficial. Limitado, por estar orientado para a totalidade da realidade e cada um dos sentidos humanos oferecer um contato apenas parcial dessa realidade, posto que, por meio dos sentidos não captamos a profundidade das coisas. Egoísta, pelo motivo dos “sentidos atribuírem como agradável ou desagradável aquilo que o é para eles, dentro de sua referência própria”. Superficial, por se tratar conforme autor, de uma ressonância afetiva que fala o que é apropriado e agradável para um indivíduo, enquanto exclui os outros.

Na experiência humana, a expressão da afetividade pode ocorrer de diferentes maneiras, tendo quatro principais formas a serem destacadas: as emoções, os sentimentos, as vivências de prazer e desprazer e os estados de ânimos. É de se lembrar que um sentimento pode levar a uma emoção e vice-versa.

Em situações em que se vive excessivamente uma emoção ocorre de imediato uma diversidade de descargas neuroquímicas através do sistema nervoso central, dos órgãos e vísceras, desencadeando reações fisiológicas e sensações que

podem variar de tremor, palidez, sudorese, taquicardia, paralisação ou intensa atividade motora. O que expõe o quanto as emoções são intrinsecamente biológicas e surgem diretamente “quando não há distanciamento entre a percepção-representação do objeto e o objeto mesmo desejado ou temido” (Rudio,1993). A emoção, para Rudio é a convicção de ser impactado psicossomática mente por um fenômeno, um estímulo ou situação e, no que se refere aos sentimentos, diferentemente de uma emoção existe “um distanciamento temporal entre a percepção-representação e o objeto do desejo ou do temor”, sugerindo uma representação de objeto interno, assim como, a possibilidade do desvelamento do nosso mundo íntimo e singular através das condutas e posicionamentos de amor ou ódio frente ao que é vivido, ao passo que, os estados de ânimo da pessoa, encontram-se implicados no humor, que apontam modos perduráveis de sentir e ser no meio, e por terem essa característica, influem na intensidade de emoções e sentimentos.

Vemos na obra “Ser e Tempo” de Heidegger (Giovanetti, s/d) que o homem possui como característica ontológica, traço essencial do *Dasein Befindlichkeit*, ou seja, a disposição afetiva uma forma ativa de ser-no-mundo. “Essa característica ontológica, aspecto estrutural do *Dasein*, tem sua expressão ôntica por meio do *Stimmung*, aqui traduzido por tonalidade afetiva”. Por se tratar de sintonia do homem com seu mundo, não advém da relação com o meio, apenas exprime seu modo de ser aí. As tonalidades afetivas, nos diz (Giovanetti, s/d) são sustentáculo para evolução e determinação da vida psíquica e Lersch, foi quem discrimina quatro diferentes tipos fundamentais de tonalidades afetivas básicas: jovialidade (o ânimo alegre), o ânimo festivo, o humor triste (melancolia) e o humor amargo. Por esse motivo, a tonalidade afetiva ou o humor, são precedentes aos sinais da afetividade e influência na sua intensidade e duração. Compreende-se essa particularidade da tonalidade afetiva com relação a jovialidade, como geradora de um estado de ânimo alegre, do mesmo modo, ocorre inversamente com o humor triste gerador de melancolia.

A afetividade, “é responsável pelo colorido de nossa vida psíquica, pela tonalidade da nossa existência” (Giovanetti, s/d). Sendo a precursora da estruturação e da qualidade dos vínculos afetivos, pela afetividade nos conectamos de modo seguro ou negativamente aos eventos e pessoas em nosso cotidiano possibilitando criar sentidos. Isto representa e quer dizer que “os afetos revelam o significado

subjetivo que outorgamos aos objetos e pessoas de nossa relação” (Romero,2003), ou seja, o vínculo afetivo, é o que assegura o envolvimento afetivo, por ser capaz de sustentar o envolvimento com outro de modo mais comprometido e prolongado. Assim sendo, pode-se refletir os afetos, como sendo fios energéticos invisíveis, que nos atraem e nos atam ao outro originando e mantendo vínculos e relações contínuas e permanentes no mundo.

Retomando a reflexão sobre o sentir como dimensão humana, Giovanetti, argumenta, que o sentir enquanto ressonância subjetiva é ilógico, irracional e por não estar submetido a determinação e o querer da pessoa, isso impede o movimento de extinção de determinados vínculos, mesmo após uma escolha tomada, dado que, a racionalidade do pensamento da pessoa, é incapaz de cancelar a ressonância afetiva (Giovanetti, s/d). Assim ocorre em circunstâncias de escolhas, onde racionalmente é possível chegar a uma determinada decisão, mas agir e executar a escolha depende da dissolução do vínculo afetivo estabelecido. Dispondo a pessoa, do pensamento como fonte de orientação e reflexão, sobre suas decisões e escolhas com relação ao vínculo afetivo constituído.

Assim sendo, a riqueza da existência afetiva humana é resultante de experiências, incorporação de afetos as inclinações e a maneira como lidamos em relação às emoções e sentimentos que cultivamos. Sejam eles de ressonância positiva e crescimento ou ressonância negativa predispondo a autodestruição. Quanto maior a multiplicidade de contatos, experiência, afetos e pessoas, melhor será nossa autopercepção e maior será nossa percepção sobre o mundo externo vivido.

### **2.3 Lugar da Afetividade no Corpo.**

A visão Winnicottiana, com relação ao lugar do afeto no corpo, possibilita compreender que será a partir das vivências precoces do funcionamento corporal, do sentir-se em um corpo, (Josgrilberg, 2006) que a realidade psíquica do indivíduo, será constituída. Esse entendimento, advém da observação de que na gênese do ser humano inicialmente existência, psique e soma apresentam-se indefinidos entre si. Na proporção que as necessidades básicas do bebê, sejam atendidas pelo cuidador em um ambiente adaptado, progressivamente psique e soma entram em conexão, viabilizando a existência psicossomática no indivíduo. Gradualmente, por meio da relação materna, o desenvolvimento emocional primitivo do bebê acontece, devido ao

ambiente, que foi benéfico às necessidades do bebê, psique e soma se inter-relacionam em harmonia, formando uma unidade, um si mesmo no próprio corpo.

A concepção Winnicottiana, a respeito da existência psicossomática, possibilita esclarecer a posição que o corpo ocupa, quanto ao desenvolvimento emocional e amadurecimento pessoal, a partir de uma psique que pouco a pouco se insere no soma, mediante vivências funcionais motoras e sensoriais com o auxílio da produção imaginativa, das funções corpóreas em um meio facilitador. Proporcionando ao bebê a experiência da integração pessoal e ao ser um sentido existencial. Conforme assinala (Loparic,1999) para Winnicott, “existir significa, portanto, ter que se integrar”, a partir de diferentes fases compostas por uma sucessão de tarefas. Tendo como apoio para esse processo evolutivo da criança e sua unidade psicossomática, a existência física, seu metabolismo e hereditariedade.

Destarte, a compreensão da unidade psicossomática ultrapassa a dicotomia mente corpo, uma vez que precocemente corpo e psique se desenvolvem concomitantemente em mútua inter-relação e dependência até o corpo progressivamente por intermédio da elaboração imaginativa das funções corporais converte-se em soma, mostrando não haver no indivíduo desde sua gênese separatividade e sim um todo indivisível (corpo, psique e mente) que inicialmente encontra-se indiferenciável.

A pesquisa e observação clínica, permitiu (Winnicott,1988) perceber que “a natureza humana não é uma questão de corpo e mente e sim uma questão de psique e soma inter-relacionados”. É a existência psicossomática, atuando como uma unidade que possibilita a integração, um viver saudável e o encontro com o ser total. Ao passo que o distúrbio ou os transtornos psicossomáticos são vistos por meio do conceito de dissociação, como alguma integração inserida no indivíduo, entretanto, dissociado entre seus elementos. O transtorno é reconhecido por Winnicott, como um estado ao qual possibilita a pessoa não fracassar plenamente a integração psicossomática (Dias, 2003).

Outra significativa reflexão, no que se refere aos transtornos dentro dessa perspectiva, advém de Loparic ao afirmar que “a continuidade do ser desfruta a mesma relevância que a continuidade do existir psicossomático” (Loparic,2000) e na hipótese, de intermitência prematura dessa continuidade do ser, haverá severa patologia psíquica e simultaneamente psicossomática. Este quadro, origina-se conforme esse filósofo, a partir do momento em que por ventura, o bebê não é

acolhido em sua necessidade de formar uma unidade psique-soma, ele o bebê, não é acolhido na sua necessidade de ser, posto que “qualquer necessidade existencial é sem exceção uma necessidade corpórea” (Loparic,2000).

Assim dizendo, é no coexistir por meio de uma autêntica relação de confiabilidade e afeto, um EU-TU durante o tempo da experiência do bebê e o movimento de auto suporte materno, que o bebê é inserido progressivamente numa unidade psicossomática. Na eventualidade da ausência da unidade com a mãe desse encontro genuíno, no instante da experiência entre bebê e mãe no mundo fracassar, essa integração pessoal fica comprometida tornando-se EU-ISSO.

São os instintos (impulsos biológicos), que demandam um gesto espontâneo, uma ação no ambiente por parte da criança, assegurando o fortalecimento do ego, a aquisição do si mesmo verdadeiro e o sentimento de existir no corpo (Josgrilberg, 2006). Entretanto, somente a presença da mãe, é capaz de evitar os riscos e propiciar o sentimento de segurança e progressivo desenvolvimento das potencialidades do bebê para agir no mundo.

Com base na concepção Winnicottiana, o desenvolvimento humano pleno, ou seja, a integração, surge por existir um corpo vivo físico, constituído e compreendido dentro do contexto real no ambiente ao qual bebê vive (Josgrilberg, 2006). Enquanto “o processo de localização da psique no corpo, se produz a partir de duas direções, a pessoal e a ambiental” (Winnicott, 1988). A experiência pessoal origina-se das experiências corporais desse bebê, com seus movimentos, fisiologia, instintos, e a experiência ambiental, emana do cuidado materno, no manejo com a pele, o segurar a criança, possibilitando a elaboração imaginativa do funcionamento corporal originando a psique numa constante interação afetiva e relacional.

Em vista disso, soma é o corpo vivo, que foi personalizado, através da elaboração imaginativa das funções corporais por intermédio de sentimentos atribuídos às vivências psicossomáticas (Winnicott,1988 e Dias,2003). Na eventualidade de falha ambiental, ocorre o fracasso no assentamento da psique no “soma” pelo bebê, originando doenças neuróticas ou transtornos psicossomáticos como hipocondria, depressão e psicoses. Conclui-se que:

O corpo de uma criança é capaz de suportar uma grande tensão, mas justamente a mesma tensão, se mantida pela vida adulta afora, pode eventualmente gerar situações somáticas irreversíveis, tais como uma hipertensão benigna, ulceração da mucosa em algum ponto do trato digestivo, hiperatividade da tireoide, etc. (Winnicott,1988, p.43).

Com suporte na tendência herdada pelo indivíduo, que está determinada a realização da unidade psique soma – compreendida como “identidade experimental do espírito, ou psique, e da totalidade do funcionamento físico” (Winnicott,1966) – psique-soma se inter-relacionam e influenciam-se, devido a diversas combinações que ocorrem entre sensório, motor, físico e psicológico. Origina-se, a partir dessa dinâmica, enfermidade quando o corpo é sentido como estranho, não-integrado a personalidade ou saúde, quando desfruta da integração, da personalização e do sentir-se dentro do próprio corpo. As dificuldades psicossomáticas, são percebidas como decorrência do insucesso ambiental, no zelo para com o bebê, na fronteira de contato relacional e afetivo mãe bebê.

#### **2.4 Adoecimento.**

Na pós-modernidade presenciamos o homem doente habitualmente observado e cuidado a partir de sintomas e patologias que passam a definir sua existência. Este modelo de tratamento e cuidado da pessoa, evidencia valores e crenças implícitos na sociedade, que está alicerçada numa concepção de homem cindido em mente, corpo e psique, e conseqüentemente em patologias somáticas, mentais e psicossomáticas. Ao mesmo tempo se revela como um paradigma de cuidado, que contribui para naturalizar e manter essa fragmentação da pessoa, enfraquecendo o homem e seu potencial criativo, como se isso fosse salutar ao ser.

Apesar disso, valores e crenças de uma sociedade, assim como a definição do que seja saúde e doença, são produções humanas. O modelo de cuidado da pessoa na contemporaneidade, que hoje nos orienta, está definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e seus membros, que determinam a Saúde como um “estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”. Esta determinação, é uma das motivações que mantém e inseriu a dicotomia mente corpo, uma vez que orienta as práticas e cuidados para com o doente no mundo, e igualmente posiciona a saúde como algo inatingível (Serge & Ferraz,1997).

Como consequência dessa visão dicotômica de homem, se presencia paciente e médico procurando suprimir sintomas com medicamentos e artifícios da tecnologia e ciência, sem que o paciente entenda ou progrida sobre sua doença ou



sintoma. Se faz necessário, concomitantemente, as investigações sobre o sintoma ou os recursos disponíveis para o doente, se dedicar a tratar as origens da doença de modo integrativo, para que inclusive a sociedade não permaneça doente e nem presa a padrões de saúde impostos.

A enfermidade, assim como a saúde, é um fenômeno dinâmico e inerente à condição de estar vivo, que precisa ser considerado na totalidade, sem permanecer restrito a estatísticas, referências ou conceitos sobre o que seja saúde e normalidade. Dado que, o sintoma é um processo de ajustamento criativo e a doença é multifatorial, qualitativa e singular, não apenas linear e causal. Deve se ampliar o conceito em saúde, isso envolve acolher fatores biológicos, psíquicos, energéticos, sociais, espirituais, assim como a historicidade da pessoa.

O corpo humano é um todo e para o seu funcionamento metabólico depende de três sistemas: o sistema nervoso autônomo, o sistema dos leucócitos e o sistema da energia metabólica para funcionar harmonicamente (Abo, 2008). A energia vital, que o corpo necessita para sobreviver é adquirida através do alimento, da água e oxigênio, em situação de excesso ou deficiência, de uma dessas fontes a pessoa adocece, em virtude de que, é o sistema energético, que sustenta as atividades de todos os seres vivos e a do próprio homem. "Nem genes nem células compostas de genes conseguem atuar por si só" (Abo,2008), de modo que seu funcionamento depende da energia para trabalhar.

Outros fatores como estresse patológico, físico e mental, assim como as emoções negativas em excesso, são reconhecidos como fatores importantes que predispõem a doenças. Em razão da instabilidade que provoca no sistema simpático, causando desequilíbrio leucocitário e diminuindo a capacidade imunológica do homem (Abo,2008). Um exemplo, está no medo exagerado, que fisicamente contrai o corpo, e inibe a circulação sanguínea, ativando o sistema nervoso simpático desencadeando supressão imunológica. Esse processo desarmônico, origina-se de um estilo de vida moderno equivocado. A própria medicina, (Abo,2008) tem admitido a ideia de que algum fator externo aciona os genes causando o câncer. Na atualidade vive-se a vida, ancorada nos exageros, de consumo, produção, sedentarismo, superficialidade dos vínculos nas relações virtuais, na alimentação instantânea e no excesso de trabalho. Coexistindo com esse estilo de vida, há os conflitos existenciais inerentes ao ser no mundo que desequilibra afetiva e emocionalmente a pessoa.

Testemunhamos enquanto psicólogos o fenômeno da naturalização da fragmentação mente corpo no que se refere à intervenção e cuidado da saúde da pessoa no trabalho clínico. O cliente, mensageiro de sua biografia existencial, fala e descreve sobre sensações e vivências corporais de dor e desconforto sem que consiga identificar o motivo do que se passa com seu corpo e consigo mesmo, afinal não foi identificado nenhuma causa nos exames. A pessoa busca nesse encontro, assim como nos anteriores mantido com outros especialistas, uma causa e uma solução, que retire sua dor e seu desconforto. O papel do Psicólogo, é oferecer um ambiente humano, construído por uma autêntica relação, em que o Diálogo, será o caminho para acolher e ajudar essa pessoa a compreender os conflitos existenciais subjacentes aos sintomas e vivências corporais pelas quais atravessa e que sozinho não está conseguindo superar.

Cuidar a pessoa doente, sob a perspectiva de unidade psicossomática, é ultrapassar o pensamento vigente de separatividade do ser em mente corpo. Por considerar que corpo e psique se desenvolvem em mútua inter-relação e dependência, até que o corpo progressivamente por intermédio da elaboração imaginativa das funções corporais converte-se em soma (Winnicott). O que demonstra não haver no indivíduo desde seu nascimento separatividade e sim um todo indivisível (corpo, psique e mente) inicialmente indiferenciável.

A saúde, na visão Winnicottiana, relaciona-se à força vital da pessoa e não à inexistência de doença. A saúde para Winnicott, é consequência de uma psique, que progressivamente se insere na “soma”, mediante vivências funcionais motoras e sensoriais com o auxílio da produção imaginativa das funções corpóreas em um meio facilitador, possibilitando ao bebê a experiência da integração pessoal e ao ser um sentido existencial. Ao passo que a doença, ou os transtornos psicossomáticos, são compreendidos como uma dissociação, que gera alguma integração para a pessoa. Como vimos anteriormente (Dias, 2003) o transtorno é reconhecido por Winnicott, como uma condição ao qual possibilita ao indivíduo não fracassar plenamente a integração psicossomática.

Da mesma forma, a patologia psíquica e simultaneamente psicossomática tem sua origem a partir da situação em que se porventura, o bebê não for acolhido em sua necessidade de formar uma unidade psique-soma, ele o bebê, não é acolhido na sua necessidade de ser, posto que “qualquer necessidade existencial é sem exceção uma necessidade corpórea” afirma (Loparic, 2000). Por

consequente, o caminho para a saúde existencial da pessoa, necessariamente é relacional e afetivo, no instante que ocorre a experiência do bebê e o movimento de auto suporte materno.

O ambiente favorável, foi igualmente reverenciado e tratado por Stein, que compreendeu e sustentou o ambiente adaptado, como condição para o homem conseguir desenvolver suas capacidades e possibilidades enquanto forma mental e corporal. Em razão de que, o corpo que adocece e se desvela em sintoma, não é simplesmente um corpo material, mas é um corpo vivo, sensível, que vive e se faz existir nas palavras da autora, através do seu centro interno, sua alma. É racional e sensível, enquanto abertura para dentro e para fora de si mesmo, em incessante contato com o meio e esta sensibilidade do corpo vivo, aquilo que vivencia externa e internamente, nasce na alma que para Stein, "é um ponto de troca, no qual os estímulos impactam e de onde vêm as respostas" que surgem do seu interior e são exteriorizadas por meio do corpo vivo e anímico no mundo relacional.

A alma do homem, nos diz Stein, "fala por meio do corpo" e a vida interior é penetrável por meio dos sentidos. Quando escutamos o que o cliente revela, e sente por meio de seu corpo, essas sensações não decorre somente daquilo que acontece com ele ao interagir com o mundo, nos informa sobre o que está acontecendo no seu interior, enquanto disposição afetiva e seu modo de ser e perceber as coisas. Que é manifestado expressivamente por emoções de alegria, tristeza, raiva ou medo, assim como as atividades mentais, possibilitando contatar intimamente a autenticidade do ser a sua alteridade.

O adoecimento, quando percebido a partir de uma totalidade indivisível da pessoa, é sempre multifatorial e singular como podemos reconhecer. Este fenômeno, conforme a maneira que é experienciado pela pessoa, pode se tornar um modo de ser e existir, que resulta em interrupção da caminhada existencial. A nossa possibilidade, junto à pessoa que sofre, pois adoceceu, perpassa por conhecer os sentidos que foram sendo construídos e a trouxeram até aqui, no que se refere à origem interna ou externa, sejam relacionais, psicológicas, biológicas, sociais ou posturas perante o viver.

O homem como ser no mundo, é um projeto existencial, está sempre por se fazer, pela permanente capacidade de criar e recriar significados, em relação ao que ocorre consigo e com os demais seres à sua volta. Assim sendo, o foco e atenção do processo terapêutico é nos ater a pessoa em seu sofrimento existencial e não à

patologia. O modo de viver do cliente, nos revelará muito sobre seu modo de adoecer, dentro de um determinado tempo e espaço histórico, essas são polaridades que se influenciam mutuamente, apontando para um sentido ou a ausência dele. Uma vez que o corpo da pessoa esteja doente, está ali expressando a existência da pessoa como um todo e não somente uma doença.

Todo o movimento do indivíduo é revestido de intencionalidade, portanto, redirecionar a pessoa, ao encontro do seu núcleo pessoal é ajudá-la a perceber o que a sua saúde, enquanto processo, revela sobre suas escolhas e renúncias, sobre liberdade e poder, enquanto responsável e coautora de sua existência. Como nos ensina Stein, o homem difere dos animais, estes possuem “alma muda e aprisionada incapazes de sair de si” o homem, é uma pessoa “senhor de sua alma ele pode abrir e fechar portas” e isso possibilita ao indivíduo, ir ao encontro do outro semelhante e das coisas. Por ser livre e espiritual, pode escolher a todo instante, por qual caminho seguir e se orientar, enquanto ser de potencialidade.

A força do homem está na espiritualidade pessoal, definida por Stein, como abertura para dentro e para fora de si mesmo, é um conhecimento original sobre as coisas além de si mesmo e é liberdade, dever e poder. Pois, a pessoa escolhe a cada instante e tem capacidade para mudar aquilo que lhe afeta, seus atos, assim como suas decisões ou omissões frente a vida. Para a autora poder e dever, querer e agir estão intimamente relacionados. Homem é dever, isto é, deve formalizar a si mesmo toda a sua natureza animal, para fazer-se integralmente desenvolvido enquanto pessoa. A saúde, é reintegração da força de decisão e vontade de agir, que foi esquecida pela pessoa e que a impossibilita fazer escolhas e pôr a vida em movimento.

A pessoa que adoecer, está cercada por um mundo relacional, repleto de significados, e necessita ser compreendida e cuidada, a partir deste lugar que ocupa neste universo de contatos e vínculos afetivos. O processo terapêutico, é uma experiência que possibilita restaurar o equilíbrio e saúde emocional da pessoa. Assim como apoiar o seu movimento para reconquistar a autonomia e liberdade, o dever e poder de escolha que lhe compete a cada instante, buscando ressignificar atitudes, decisões, vínculos ou posições que interromperam a criatividade e possibilidades de desenvolvimento pessoal.

### **3 METODOLOGIA.**

A metodologia aplicada para o desenvolvimento do tema proposto nesta pesquisa consistiu em um recorte epistemológico pela perspectiva fenomenológica. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica exploratória qualitativa em revistas eletrônicas, periódicos científicos e livros, tendo como fontes para a pesquisa artigos científicos, Teses e literatura delimitada na perspectiva teórica Humanista, Fenomenológica e Existencial. O procedimento para a coleta de dados da pesquisa foi uma proposta seletiva e reflexiva sobre a compreensão do corpo e afetos que possibilitou compreender de que forma a dimensão afetiva e o corpo estão implicados na existência da pessoa, repercutindo em sua saúde e adoecimento.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Esta pesquisa, apoiada em um referencial filosófico fenomenológico, permitiu conhecer e compreender o que é o corpo, o que é o afeto e de que forma os afetos e o corpo estão implicados no adoecimento e na existência da pessoa como um todo. Encontramos nas obras de Edith Stein, Winnicott e Giovanetti, as principais fontes que possibilitaram as reflexões sobre a dimensão afetiva e o corpo nas queixas e sintomas corporais.

O corpo do homem, na concepção de Stein, é um corpo vivo, animado, unido e estruturado a partir da alma humana, seu centro interno, que é racional, sensível e apto a atribuir sentidos ao que o homem percebe e vivencia sensivelmente em incessante relação com o ambiente. Esta alma que dialoga através do corpo pelos movimentos e órgãos de sentidos, informa sobre si, sobre o seu caráter, sentimentos e sua atividade mental. Desse modo o centro interno do homem se revela na exterioridade em seu corpo vivido.

A afetividade se trata de uma característica inerente do ser aí no mundo, com suas funções antropológicas qualifica a vida psíquica, sendo a responsável por estabelecer e manter os vínculos afetivos nas palavras de Giovanetti. É uma dimensão humana que possibilita ao homem experimentar a existência de modo qualitativo e trata-se uma unidade fundamental para a organização da interioridade humana. Por meio da percepção o indivíduo se conecta à realidade e pela afetividade ele sente internamente o impacto desse contato com a realidade em forma de ressonância afetiva. Este sentir emocionalmente se manifesta pelos cinco sentidos, portal de acesso e abertura para o mundo e quando esse sentir é imperceptível um registro frequentemente somático é elaborado pelo organismo.

O homem tem a capacidade de expressar seus afetos de distintas formas, nas quais destacam-se as emoções, os sentimentos, as vivências de prazer e desprazer, e os estados de ânimos. Em contextos de intensa emoção ocorre de imediato via sistema nervoso central, órgãos e vísceras, uma descarga neuroquímica que desencadeia reações fisiológicas e sensações que podem variar de tremor, palidez, sudorese, taquicardia, paralisação ou intensa atividade motora, evidenciando o quanto as emoções são intrinsecamente biológicas.

No entanto a tonalidade afetiva ou o humor, por ser anterior aos sinais da afetividade, irá influenciar sua intensidade e duração. Percebeu-se que a pessoa com

tonalidade afetiva de jovialidade tende a ter um ânimo festivo e aquela que possui um humor triste demonstra a melancolia.

Os afetos são fundamentais para a estrutura e qualidade dos vínculos, é o que possibilita o indivíduo se relacionar de modo seguro ou inseguro aos eventos e pessoas, criando sentidos. A afetividade é hierarquicamente superior à racionalidade, dado que a racionalidade do pensamento é incapaz de cancelar uma ressonância afetiva. No entanto, há situações e eventos nos quais a pessoa tem uma decisão e seu agir e executar esbarra primeiramente na dissolução do vínculo afetivo.

Uma vida afetiva de qualidade está relacionada às experiências, incorporações de afetos, às inclinações e à maneira que a pessoa lida em relação às emoções e sentimentos que cultiva, sejam eles de ressonância positiva ou negativa. Quanto maior for os contatos e experiências afetivas de uma pessoa, melhor será sua autopercepção e maior será sua percepção sobre o mundo externo vivido.

No que diz respeito ao lugar desta afetividade no corpo, Winnicott nos fez compreender que inicialmente a existência, psique e soma apresentam-se indefinidos entre si. É a partir das vivências precoces do funcionamento corporal, do sentir-se em um corpo que a realidade psíquica do indivíduo se constitui. Na medida em que as necessidades básicas do bebê são atendidas pelo cuidador em um ambiente adaptado, gradativamente psique e soma entram em conexão, viabilizando a existência psicossomática do indivíduo. O desenvolvimento emocional primitivo do recém-nascido acontece por meio da relação materna, devido ao ambiente que foi benéfico às necessidades do bebê, psique e soma se inter-relacionam em harmonia, formando uma unidade, um si mesmo no próprio corpo.

A compreensão da unidade psicossomática em Winnicott, ultrapassa a dicotomia mente corpo, visto que precocemente corpo e psique se desenvolvem concomitantemente em mútua inter-relação e dependência até que o corpo, progressivamente e por intermédio da elaboração imaginativa das funções corporais, converte-se em soma, mostrando não haver no indivíduo desde sua gênese separatividade e sim um todo indivisível (corpo, psique e mente) que inicialmente se encontra indiferenciável.

Compreendemos que o corpo humano é um todo e para ampliar o conceito em saúde, envolve acolher fatores biológicos, psíquicos, energéticos, sociais, espirituais, assim como a historicidade da pessoa. A saúde e a doença compõem um fenômeno dinâmico e inerente à condição humana e o sintoma é um processo de

ajustamento criativo, o que torna o adoecimento multifatorial, qualitativo e singular e não apenas linear e causal.

Saúde é integração pessoal e doença é dissociação, processo influenciado pelo ambiente, que não acolheu as necessidades do recém-nascido em formar sua unidade psique-soma, nos levando a refletir que a direção para a saúde existencial da pessoa, necessariamente, é relacional e afetiva, no instante que ocorre a experiência do bebê e o movimento de auto suporte materno. Stein, assim como Winnicott, mostrou sobre a importância do ambiente adaptado, como condição para o homem conseguir desenvolver suas capacidades e possibilidades enquanto forma mental e corporal.

Vemos o ser doente envolvido por um mundo relacional, repleto de significados, que necessita ser compreendido e cuidado, a partir deste lugar que ocupa neste universo de contatos e vínculos afetivos. Posto que este corpo que adoece e exhibe sintomas não é simplesmente um corpo material, mas um corpo vivo, sensível, que vive e se faz existir a partir do seu centro interno, sua alma.

Saúde, é reintegração da força de decisão e vontade de agir, que foi esquecida pela pessoa e que impossibilita fazer escolhas e pôr a vida em movimento. O processo terapêutico, é uma experiência que possibilita restaurar o equilíbrio e saúde existencial da pessoa. Assim como apoiar o seu movimento para reconquistar a autonomia e liberdade para escolher a cada instante.



## REFERÊNCIAS

ABO, Toru. **Revolução Imunológica**: as verdadeiras causas das doenças e a importância das terapias naturais e alternativas para a saúde. Rio de Janeiro: Gassho, 2008.

Buber, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

DIAS, Elsa Oliveira. A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. In: **Natureza Humana**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 29-46, 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-243020000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-243020000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 26 jul. 2021.

DETHLEFSEN, Thorwald; DAHLKE, Rüdiger. **A doença como caminho**. 1.ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

FREITAS, Joanneliese de Lucas; STROIEK, Nutty Nadir; BOTIN, Débora. **Gestalt-terapia e o diálogo psicológico no hospital: uma reflexão**. Rev. abordagem gestalt., Goiânia, v. 16, n. 2, p. 141-147, dez. 2010. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 25 jan. 2022.

GIOVANETTI, José Paulo. **Psicoterapia antropológica - as contribuições de Binswanger e Gendlin**. 1. ed. Belo Horizonte: Spes, 2018.

GIOVANETTI, José Paulo. **Afetividade e Existência**. FAJE e FEAD, s/d.

GIOVANETTI, José Paulo. **Psicoterapia fenomenológico-existencial: fundamentos filosóficos-antropológicos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

JOSGRILBERG, Fabíola Pozuto. **O lugar do Corpo na Psicanálise de Winnicott**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15478>>. Acesso em 20 jul. 2021.

LOPARIC, Zeljko. **A teoria Winnicottiana do amadurecimento infantil**. Disponível em: <[http://www.psiquiatria infantil.com.br/revista/edicoes/ed\\_07s1/in\\_22\\_09.pdf](http://www.psiquiatria infantil.com.br/revista/edicoes/ed_07s1/in_22_09.pdf)>. Acesso em 12 mai. 2021.

LOPARIC, Zeljko. Esboço do paradigma winnicottiano. In: **Cadernos de história e filosofia da ciência**, Campinas: Publicações CLE, 2001. Disponível em: <<https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/640/518>>. Acesso em 26 jul. 2021.

LOPARIC, Zeljko. O "animal humano". In: **Natureza Humana**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 351-397, 2000. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302000000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 26 jul. 2021.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROMERO, Emílio. **Entre a alegria e o desespero humano**: sobre os estados de ânimo. São José dos Campos: Della Bídia Editora, 2008.

RUDIO, Alfonso Garcia. **Nova evangelização e maturidade afetiva**. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

SEGRE, Marco; FERRAZ, Flávio Carvalho. O conceito de saúde. **Revista de Saúde Pública**, v. 31, n. 5, 1997.p. 538-542. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89101997000600016>>. Acesso em 15 jul. 2021.

STEIN, Edith. **La estructura de la persona humana**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007.

TRENTO, Francisco Beltrame; VENANZONI, Thiago Siqueira. Afetos contemporâneos e comunicação – algumas perspectivas. **Rumores**, v. 8, n. 16, p. 109-128, 2014. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/89641>> Acesso em 24 jul. 2021.

YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo awareness**. São Paulo: Summus,1998.

WINNICOTT, Donald Woods. Transtorno psicossomático. In: **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: ArtMed, 1994.p. 92-93.

WINNICOTT, Donald Woods. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar & a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago,1975.